

A EMERGÊNCIA DE NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ERA DIGITAL

THE EMERGENCE OF NEW TEXTUAL GENRES IN THE DIGITAL ERA

Maria Fernanda M. Barbosa¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever os gêneros digitais emergentes e analisar os gêneros *e-mail*, *weblog* e *chat*, apresentando suas principais características e estratégias de interação.

Palavras-chave: Gêneros discursivos; gêneros emergentes; linguagem.

ABSTRACT: The aim of this paper is to describe the emerging digital genres and to analyze the textual genres *e-mail*, *weblog* and *chat*, showing its main characteristics and interaction strategies.

Keywords: Discursive genres; emerging genres; language.

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentaremos uma descrição dos gêneros digitais emergentes, delimitando-nos a analisar os gêneros *e-mail*, *weblog* e *chat*, a fim de mostrarmos algumas de suas características e suas principais estratégias de interação.

O texto encontra-se estruturado da seguinte maneira: na seção I, apresentamos uma breve introdução sobre os gêneros emergentes na era da informação. Na seção II, apresentamos a fundamentação teórica adotada neste estudo, que se inicia com a proposta de Bakhtin (2000), passando por Marcuschi (2002) e Maingueneau (1987, 2000, 2004) e se encerra com a proposta de Crystal (2001) para os novos gêneros de discurso. Na seção III, analisamos os gêneros digitais *e-mail*, *weblog* e *chat*. Na seção seguinte, tecemos as considerações finais.

¹ Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) /CNPq – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
fernanda136@gmail.com.

1. GÊNEROS DO DISCURSO

Desde Aristóteles, o gênero sempre foi uma preocupação constante. A noção de gênero teve início com a retórica clássica, que se desenvolveu a partir do estabelecimento da democracia na Grécia antiga. Em seguida, o termo passou a ser utilizado também na literatura. Desse modo, entende-se que o gênero sempre foi bastante utilizado pela retórica e pela teoria literária com o sentido especificamente literário, sendo identificado sob a denominação de gêneros clássicos: o lírico; o épico; o dramático. Posteriormente, o termo passou a abarcar também os chamados gêneros modernos como, por exemplo, o romance, a novela, o conto etc.

No contexto da tecnologia de informação, os gêneros textuais emergentes se configuram em face de novas práticas sociais e apresentam características muito semelhantes às dos gêneros textuais tradicionais utilizados na escola (telefonema, bilhete, carta de pessoal, notícia etc.), em suas diversas formas de interação comunicativa e na prática da linguagem escrita da sociedade como, por exemplo, o *e-mail* que tem como antecessores as cartas pessoais e os bilhetes. Contudo, tanto o *e-mail* como as cartas pessoais possuem uma variedade de sequências tipológicas, em que predominam sobretudo descrições e exposições. No entanto, observe que os *e-mails* recebidos reclamam por uma resposta, levando o internauta a fazer uso de recursos da modalidade escrita da língua de modo semelhante às cartas pessoais.

Com o advento da internet, novos meios de se comunicar surgem a cada dia com uma velocidade espantosa e fazem com que diversas formas de expressão, compreendendo som e imagem, sejam cada vez mais utilizadas na comunicação.

Diante de novas tecnologias da informação, as pessoas utilizam cada vez mais a internet para se comunicar. Por meio de *e-mails*, *weblogs*, *Orkut*, *MSN*, *skype*, *twitter* e *chats*, é possível encontrar pessoas de qualquer parte do mundo para trocar informações, conversar, pesquisar, opinar sobre determinado assunto e se corresponder instantaneamente. Neste mundo virtual, o que mais chama a atenção é o intenso uso de uma nova modalidade de língua, uma linguagem eletrônica, ou seja, uma escrita com características próprias e bem próximas da oralidade. Desse modo, é, com a internet, que a escrita adquire um novo espaço, permeado de variantes pertinentes a este meio como, por exemplo, símbolos, abreviações e uma forma mais econômica de se utilizar a língua devido à fluidez do meio.

2. A CONCEPÇÃO DE GÊNEROS DE DISCURSO: DO CLÁSSICO AO EMERGENTE

Na era das Relações, o sujeito produz e é produto da interação com o outro. Os indivíduos são vistos como atores e construtores sociais. Assim, o texto torna-se o próprio lugar de interação e os interlocutores, nele se constroem e são construídos.

Nas seções seguintes, apresentaremos o arcabouço teórico que norteia este trabalho, percorrendo o caminho que se inicia no estudo clássico de Bakhtin (2000) e passa pelas reflexões de Marcuschi (2002) e Maingueneau (1987, 2000, 2004) e se finda com a proposta de Crystal (2001) a cerca do surgimento dos gêneros emergentes.

2.1. Bakhtin e os gêneros discursivos

Bakhtin (2000) foi o primeiro pensador a utilizar a palavra gênero em um sentido lato para as situações cotidianas de comunicação, visto que não se pode entender a língua isoladamente, ou seja, deve-se considerar o contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, o momento histórico etc.

Os gêneros textuais se constituem como formas e características que o falante utiliza para se expressar, considerando o contexto social e situacional em que está inserido no momento do ato comunicativo. Desse modo, Bakhtin (2000) afirma que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) Que se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (...) Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Entende-se que, nos gêneros discursivos, a produção dos enunciados (orais e escritos) é sempre contextualizada, utilizada em situações específicas de comunicação e carregada de intenções. Neste sentido, evidencia-se que os gêneros concretizam-se na

dimensão social da linguagem através do modo de se comunicar, da forma como selecionamos o discurso apropriado no momento adequado etc.

Para o autor, os textos orais ou escritos apresentam um conjunto de características que são relativamente estáveis, quer tenhamos consciência ou não delas. Assim, os gêneros atuam como tipos específicos de enunciados que ocorrem em situações características de uma dada sociedade. Tais características abarcam os diferentes textos ou gêneros textuais (ou discursivos), podendo ser caracterizados sob três aspectos básicos: o tema, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (os usos específicos da língua). Por exemplo: em geral, o autor Manoel Carlos, no gênero novela, apresenta uma narrativa que se desenvolve na cidade do Rio de Janeiro, especificamente no bairro do Leblon. É comum, neste gênero, termos uma protagonista com o nome de Helena. Outra característica é apresentar um elenco com os atores/atrizes: Regina Duarte, Helena Ranaldi, Natália do Vale, Lílian Cabral. De modo geral, a temática, apresentada pelo autor, gira sempre em torno de problemas cotidianos.

Segundo Bakhtin (2000), os gêneros discursivos se dividem em primários e secundários. No primeiro, temos os gêneros mais simples: a conversa, o relato do dia-a-dia, a carta. No segundo, os gêneros são mais complexos e necessitam de um processo de elaboração escrita como, por exemplo, o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc.

Bakhtin (2000) argumenta que:

Os gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. (BAKHTIN, 2000, p. 282)

Entende-se que, de um lado, há a inter-relação entre os gêneros primários e secundários e, do outro, tem-se o processo histórico de formação dos gêneros secundários.

2.2. Os gêneros textuais: definição e funcionalidade

Marcuschi (2002) aponta que os gêneros textuais estão ligados a necessidades e atividades sócio-históricas, sendo dinâmicos e maleáveis, visto que as mudanças e alterações que ocorrem na sociedade se refletem nele. Nas palavras de Marcuschi (2002):

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividade sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. (MARCUSCHI, 2002, p.20)

Enquanto fenômenos históricos, os gêneros multiplicam-se através dos tempos. Numa primeira fase, os povos de cultura oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Em seguida, com o advento da escrita, outros gêneros surgiram. Posteriormente, no século XV, ocorre a expansão dos gêneros com o florescimento da cultura impressa. Atualmente, com a denominada cultura eletrônica, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Segundo Marcuschi (2002), “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto” (p. 22). Desse modo, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Para o autor, torna-se necessário estabelecer uma distinção entre gênero e tipo textual, em virtude de se considerar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Assim, Marcuschi (2002) distingue gênero textual de tipo textual, afirmando que:

o gênero textual compreende uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. No entanto, o tipo textual é considerado como uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23)

Para uma melhor compreensão da distinção abordada pelo autor, apresentamos o seguinte quadro:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
Constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	Constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;
Constituem sequências lingüísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos	Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Entende-se que os gêneros do discurso surgem de nossa necessidade e configuram-se como realizações lingüísticas concretas orais ou escritas como, por exemplo, a certidão de nascimento, a resenha, o telefonema, a notícia jornalística, a crônica, a novela, o horóscopo, a receita, o ofício, o *e-mail*, o bilhete, a aula etc. Assim, podemos considerar que:

os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura. Por isso, em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros, mas este é um aspecto que somente o estudo intercultural dos gêneros poderá decidir. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

No entanto, os tipos textuais apresentam-se como sequências lingüísticas (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e não textos materializados, servindo para a produção dos gêneros, visto que se encontram no interior destes. Consideram-se os seguintes tipos textuais:

- Narração: indica uma ação, tempo, espaço, personagem;

- Descrição: é estática, caracteriza lugares, pessoas objetos, sem as impressões;
- Injunção: ordens, perguntas, incita a uma ação;
- Exposição: define, conceitua;
- Argumentação: defende idéias, atribui qualidade.

Nas palavras de Marcuschi (2002), o tipo textual configura-se como uma “espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)”, sendo uma “(...) forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (p. 22).

É importante salientar que quando nomeamos um texto como narrativo, descritivo ou argumentativo, não se está nomeando o gênero, mas sim o predomínio de um tipo de sequência de base.

O autor busca ainda definir o que se entende por domínio discursivo, visto que esta noção tem sido usada de uma maneira um tanto vaga. Assim, o domínio discursivo é tido como uma “esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos” (p. 23). No discurso religioso, por exemplo, as jaculatórias, novenas e ladainhas são gêneros dessa esfera.

2.3. Maingueneau e a divisão dos gêneros

Para Maingueneau (2004), enquanto o enunciador profere seu discurso, ele constrói também a imagem de si vinculado à enunciação, tendo como propósito o engajamento do sujeito a um tipo de discurso com o qual ele se identifica. Desse modo, a subjetividade é incorporada a uma situação enunciativa que é prevista e vai confirmando-se à medida que o discurso se desenvolve. Assim, entende-se que, desde a popularização de meios de comunicação na era digital, os diversos tipos de interação como, por exemplo, *e-mail*, *chat*, *blog* e *sites* de relacionamento, tornaram-se um espaço para a prática discursiva do sujeito, de modo habitual, ordinário, descrevendo e expondo reflexões cotidianas a fim de manter uma visibilidade social.

O autor ressalta que o discurso é concebido como a inclusão de um texto e só adquire sentido no interior de outros discursos, sendo contextualizado e assumido por um sujeito. Com isso, um sujeito, ao enunciar, presume um contrato social da linguagem que é partilhado pelos seus interlocutores. Assim, não se pode falar em discurso sem associá-lo a outros conceitos como língua, sujeito e história.

O discurso constrói uma representação de sua própria situação enunciativa sobre certos lugares sociais, a cena de enunciação, dado que, ao enunciar, se concede um certo lugar ao eu e se atribui um lugar complementar ao outro. O autor concebe o gênero de discurso sempre atrelado a uma cena enunciativa. Desse modo, Maingueneau (2000) define o estatuto da fala e apresenta três cenas de enunciação: (a) a cena englobante - que se refere ao tipo de discurso a que pertence um texto e a perspectiva da qual o destinatário deve-se colocar para interpretar o discurso religioso, político, publicitário, pedagógico etc.; (b) a cena genérica - que se define pelas cenas específicas dos gêneros de discurso no que se refere aos papéis dos participantes do discurso, aos meios de circulação, as circunstâncias, um suporte material, uma finalidade, entre outros aspectos a que se propõe o gênero discursivo. Essas duas cenas de enunciação constituem o que o autor denomina de quadro cênico do texto e definem o espaço estável do enunciado; Por fim, (c) a cenografia - que é criada e instituída pelo próprio discurso e se refere ao modo como o locutor realiza a enunciação, ou seja, é a própria cena da enunciação. O autor considera que a cenografia é simultaneamente a fonte e o produto do discurso, afirmando que:

a cenografia envolve um processo de enlaçamento paradoxal. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la. (MAINGUENEAU, 2000, P.87)

Segundo Maingueneau (2000), os gêneros de discurso são “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” (p.61). Logo, os gêneros discursivos são caracterizados como práticas sócio-discursivas e do mesmo modo que surgem, podem desaparecer. Assim, o gênero manifesta-se quando vários textos submetem-se a um conjunto de coerções comuns e conseqüentemente ambos variam conforme os lugares e as épocas. Portanto, os gêneros agrupam-se em uma lista indeterminada, impossível de se apreender ou se demarcar. Desse modo, Maingueneau (1987)

assume que “em lugar de elaborar uma lista impossível de gêneros do discurso, é melhor questionarmos sobre a maneira de conhecer as próprias coerções genéricas” (p.35).

Na perspectiva da Análise do Discurso, Maingueneau (2000) propõe uma distinção entre gênero e tipo de discurso. Assim, o autor considera que “os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social” (p.61). Em seguida, o autor apresenta como exemplo o que denomina de discurso “midiático” que estando associado a um setor de atividade social, a mídia, comportaria tipos e gêneros de discurso variados. Desse modo, o “*talkshow*”, por exemplo, constitui um gênero discursivo no interior do tipo de discurso televisivo e este, por sua vez, está atrelado a um conjunto mais vasto, o discurso midiático.

Partindo do regime de genericidade, Maingueneau (2004) propõe uma divisão dos gêneros em três categorias: (a) gêneros autorais – apresentam um caráter de autoria, determinados pelo próprio autor (p.ex. traços de estilo) que estão presentes no discurso político, jornalístico, literário ou filosófico; (b) gêneros rotineiros – aqueles que se apresentam no dia-a-dia e que podem ser ritualizados como, por exemplo, o texto do horóscopo ou podem estar presentes em grandes espaços para variações individuais como as notícias do jornal impresso, por exemplo; e (c) gêneros conversacionais – aqueles que possuem menor estabilidade e apresentam uma composição e uma organização temática mais instável como as conversações, por exemplo. No entanto, num segundo momento, o autor agrupa os gêneros rotineiros e conversacionais sob o rótulo de gêneros instituídos e subdivide-os em quatro modos: (a) gêneros instituídos de modo I – os participantes adaptam-se as suas imposições, não comportando variações como a carta comercial, a lista telefônica ou o registro de cartório, por exemplo; (b) gêneros instituídos de modo II – os interlocutores produzem textos individualizados, mas estão submissos as normas que moldam a situação comunicativa como, por exemplo, o telejornal; (c) gêneros instituídos de modo III – não há uma cenografia preferencial e sim diferentes cenografias de acordo com a intenção comunicativa como programas de televisão, anúncios publicitários ou canções, por exemplo. Nesse caso, Maingueneau (2004) ressalta que “essa necessária renovação está ligada ao fato de que eles devem captar um público que necessariamente não é cativo; dando-lhe uma identidade em harmonia com aquela fornecida por sua instância autoral” (p. 51); e (d) gêneros instituídos de modo IV – configuram-se nos gêneros autorais propriamente ditos, não saturados e onde não

se limitam a seguir um modelo esperado. Nesse sentido, a etiqueta genérica pode influenciar de modo decisivo na interpretação do texto:

Se partirmos do princípio de que os gêneros de discurso são atividades e que as atividades verbais se misturam com diversas atividades não-verbais, e se, além disso, levarmos em conta a diferença entre as atividades languageiras que conduzem a uma cooperação entre os diversos atores que integram e aquelas em que o leitor age sozinho, veremos que as coisas se tornam rapidamente complexas. (MAINGUENEAU, 2004, p. 52)

Como se pode observar, a etiquetagem não é muito importante nos gêneros instituídos de modo I e II. No entanto, o autor deixa clara a importância da etiqueta genérica no modo IV, dado que implica necessariamente na interpretação do texto. Maingueneau (2004) considera ainda que as etiquetas são ao mesmo tempo formais e semânticas e afirma que “as etiquetas de classe genealógicas podem atravessar épocas e regimes de literatura, mas, na medida em que estas classes genealógicas se apoiam numa memória partilhada por uma comunidade, a indicação explícita de sua fonte não se faz necessária” (p.56).

Diante da problemática de tais concepções, pode-se ressaltar que Maingueneau (2004) encerra suas reflexões em tom de leveza, concluindo que o “ponto essencial entre os gêneros de modo IV é a incompletude constitutiva das limitações impostas pela situação de comunicação” e assim o “autor não só contribui para construir o contexto de seu texto, mas também pretende definir o sentido da atividade na qual ele engaja seu destinatário: o sentido da literatura, da religião etc.” (p.57).

2.4. Os gêneros emergentes

A expansão da informática e a popularidade crescente da internet possibilitaram o surgimento de novas formas de comunicação entre as pessoas ao redor do mundo, proporcionando a emergência de novas tecnologias de informação e de comunicação instantânea mediada por computador.

Crystal (2001) salienta que a comunicação mediada por computador compreende todos os formatos de comunicação, fazendo com que um conjunto específico de novos gêneros textuais seja criado no contexto da mídia virtual.

Como observa Crystal (2001), o desenvolvimento na área da tecnologia da informação trouxe consigo uma série de expressões com o prefixo “-e” como, por exemplo, *e-mail* (correio eletrônico), *e-book* (livro eletrônico), *e-therapy* (terapia virtual), *e-manager* (negócios eletrônicos), *e-business* (negócios virtuais) etc.

Partindo da noção de gênero digital, Marcuschi (2002) apresenta três aspectos relevantes: primeiro, o uso cada vez mais generalizado desse gênero; segundo, às suas peculiaridades formais e funcionais; e terceiro, à necessidade de que se revejam alguns conceitos, tais como os de oralidade e escrita.

Para Marcuschi (2004), no contexto virtual, os gêneros emergentes nos permitem trabalhar a oralidade e a escrita bem como os gêneros textuais tradicionais utilizados na escola, visto que os mesmos se apresentam como uma evolução dos gêneros digitais. Assim, o autor assinala que muitos dos gêneros emergentes na era digital consistem em práticas sociais e comunicativas decorrentes de variações de antigos gêneros já consolidados como, por exemplo, a carta que gerou o *e-mail*, o diário que deu lugar ao *weblog*, a conversa informal que cedeu espaço ao *chat* (bate-papo) etc.

Na era digital, Crystal (2001) lista os seguintes gêneros textuais emergentes:

- *E-mail*;
- *Chat* em aberto;
- *Chat* reservado;
- *Chat* agendado;
- *Chat* privado;
- Entrevista com convidado;
- Lista de discussão (*Workgroups*);
- *Weblogs*.

Nesses gêneros, o autor ressalta que a comunicação é mediada através da linguagem escrita. No entanto, a escrita utilizada no meio virtual tende a ser mais informal, com menor monitoração e maior cobrança pela fluidez do meio e rapidez do tempo.

Com o surgimento de novas tecnologias, a internet reflete um novo padrão de comportamento no modo como os indivíduos se relacionam com a linguagem. Desse modo, Crystal (2001) afirma que:

à medida que, cada vez mais, se adota uma perspectiva social para compreender a Internet, o papel que desempenha a linguagem se converte também em um objetivo central. Tanto é assim, que sem querer menosprezar as notáveis conquistas tecnológicas da Internet, nem a originalidade e a variedade na apresentação de conteúdos visuais, o que se torna evidente de imediato é a sua natureza linguística. Se a Internet é uma revolução, é provavelmente uma revolução linguística. (CRYSTAL, 2001, p.08)

Marcuschi (2004) ressalta a necessidade de se avaliar o efeito que a comunicação mediada por computador acarreta no ensino de língua, questionando-se “se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um *e-mail* e outros gêneros do discurso eletrônico” (p. 17). Em resposta a esta questão, o autor esclarece que os novos manuais didáticos do ensino fundamental já trazem reflexões sobre o *e-mail*, *chat*, *blog* e outros gêneros para dentro da sala de aula.

3. OS GÊNEROS DIGITAIS EM ANÁLISE

Marcuschi (2004) considera que há uma variedade de novos gêneros, como *e-mail*, *chats*, entrevistas, fóruns de discussão e *blogs* na internet. Esses gêneros emergentes apresentam uma estreita relação com outros gêneros textuais já existentes. No entanto, esses novos gêneros foram configurados para um discurso eletrônico e, desta forma, apresentam características particulares e próprias da mediação presente na mídia virtual.

A seguir abordaremos as características de alguns dos gêneros virtuais que emergiram com a expansão da internet, a saber: o *e-mail*, o *weblog* e o *chat*.

3.1. *E-mail* (Correio Eletrônico)

O termo *e-mail*² ou correio eletrônico surgiu em 1971, quando Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem de um computador para outro através do programa que acabara de criar, o SNDMSG. Além do *e-mail*, atribui-se a Tomlinson a escolha do símbolo arroba (@) para indicar a localização do endereço eletrônico de cada usuário.

²*E-mail* - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Retirado do site < <http://pt.wikipedia.org/wiki/E-mail>>. Acesso em 05/01/11.

Segundo Campbel (1998), Tomlinson enviou uma mensagem aos seus colegas de projeto assim que se certificou da funcionalidade do programa. Seu idealizador narrou o feito que acabara de inventar e instruiu seus colegas a colocar o símbolo arroba entre o *login* do usuário e o nome do computador provedor.

Se comparado ao gênero carta, o *e-mail* apresenta a vantagem de ser um meio rápido, eficiente e barato de envio, podendo ser utilizado de forma gratuita na maioria dos provedores de acesso, sem custo para o possuidor da conta de *e-mail*. Além disso, por meio do *e-mail* é possível enviar fotos, vídeos e músicas, por exemplo, no formato de arquivo anexado.

Quando comparado ao bilhete, observa-se que o *e-mail* herda sua estrutura típica, escrito em uma linguagem breve e simples. No entanto, o *e-mail* pode apresentar uma linguagem bem elaborada, sendo redigido no modo rascunho, que pode ser retomado e revisado inúmeras vezes e só então ser enviado. Nesse caso, o *e-mail* é previamente elaborado e somente após ter sido revisado será enviado a seu destinatário.

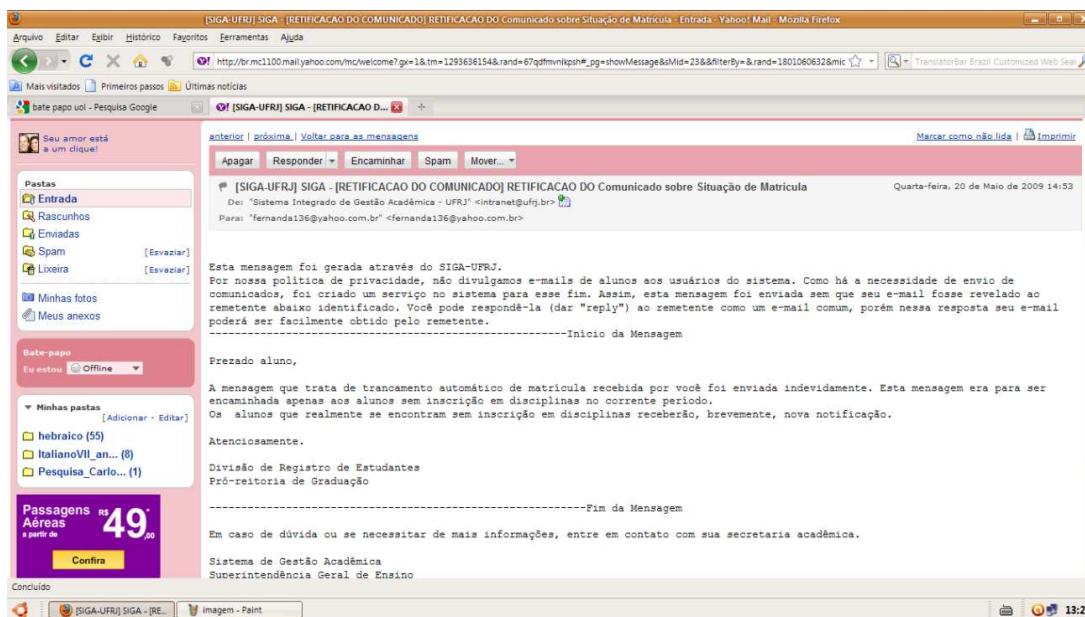
Marcuschi (2004) caracteriza o gênero *e-mail* da seguinte forma:

Correio eletrônico ou *e-mail* é uma forma de comunicação escrita normalmente assíncrona de remessa de mensagens entre os usuários do computador. Em certas circunstâncias pode apresentar uma defasagem mínima de tempo entre uma remessa e a resposta, dando a nítida sensação de turnos em andamento, quando ambos estão em conexão *on-line*, ou então ter defasagem de dias, semanas e meses. No geral, os interlocutores são conhecidos ou amigos e raramente ocorre o anonimato, que é uma violação de normas do gênero (tal como uma carta anônima). Esta característica o diferencia dos bate-papos. Por outro lado, os *e-mails* em geral são pessoais, o que os diferencia das listas de grupos ou fóruns de discussão. (MARCUSCHI, 2004, p.16)

Os *e-mails* são semelhantes às cartas ou bilhetes tradicionais, podendo ser formais ou informais a depender do objetivo a que se destinam. A interação entre remetente e destinatário é assíncrona, isto é, os interlocutores não precisam estar conectados simultaneamente na internet.

O *e-mail* é um gênero textual capaz de compor, enviar e receber mensagens, podendo conter no corpo da mensagem imagens, sons, o próprio texto, *links*, *gifs* e *smiles*, como se vê em (1):

1.



Neste exemplo, podemos observar um *e-mail* semelhante a um informativo, que foi enviado com a finalidade de informar seu receptor sobre a retificação de um comunicado anterior que tratava do trancamento automático de matrícula, que foi enviado indevidamente ao destinatário.

De acordo com Marcuschi (2004), o gênero *e-mail* geralmente apresenta: (a) endereço do remetente que é preenchido automaticamente; (b) endereço do destinatário que é preenchido pelo remetente quando não se trata de uma resposta a algum *e-mail* recebido; (c) há a possibilidade de se efetuar cópias que podem ser visíveis ou não ao destinatário; (d) é necessário preencher o campo assunto no qual se torna explícito o tema a ser tratado no referido *e-mail*; e (e) é comum ter-se o corpo de mensagem iniciado por uma saudação, seguido de um texto e encerrado com uma assinatura.

Em (1), nota-se que o *e-mail* recebido é composto pelos dados presentes no cabeçalho, preenchido pelo remetente, e pelas informações, imagens e links que compõem o corpo do texto. Observa-se que a linguagem adotada pelo remetente é retratada pela formalidade conforme prescrição da norma gramatical, demonstrando, assim, que remetente e destinatário não possuem intimidade, diferentemente do que ocorre no envio de *e-mails* pessoais. Nota-se ainda que o remetente organiza os enunciados de acordo com a estrutura

sintático de texto escrito, embora esse texto seja curto e breve. Além disso, trata-se de uma retificação e não há necessidade de ser respondido por seu receptor.

Segundo Marcuschi (2004), conforme já explicitado, o correio eletrônico é uma forma de comunicação escrita normalmente assíncrona de remessa de mensagens entre usuários de computador. Neste tipo específico de gênero, geralmente o destinatário é pessoa conhecida do remetente e a escrita tende a ser informal e marcada com símbolos que expressam emoções e sentimentos tais como alegria, felicidade, aborrecimento, tristeza, sono etc, que não ocorrem em *e-mails* formais.

De acordo com Bakhtin (2010), os enunciados são dialógicos e sua reação está e é “prenhes de resposta”, ou seja, sempre se tem a expectativa de uma resposta verbal, física ou ainda sem reação imediata. Assim, toda vez que se enuncia algo, tem-se a expectativa de uma resposta, dado que, ao enunciar, leva-se em conta o destinatário (TU) a quem o discurso se dirige. Nesse sentido, no gênero *e-mail*, embora seja comum responder-se a um *e-mail* com outro *e-mail*, fica subentendido entre os participantes do discurso de que a não resposta evidencia que o destinatário não recebeu ou recebeu e não é necessário responder ou ainda recebeu e não respondeu.

Os gêneros emergentes abrangem um EU e um TU que compartilham um certo papel na troca verbal, papel esse criado pelas noções de momento ou lugar de enunciação. Nesse sentido, Maingueneau (2004) afirma que “as noções de momento ou lugar de enunciação exigidas por um gênero de discurso não são evidentes” (p.67), dado que tais noções atingem o grau de formalismo de um gênero emergente. No caso do *e-mail*, observa-se que o EU que se dirige ao TU fará uso de uma linguagem vernacular, formal, o mais próxima da norma culta quando o *e-mail* está vinculado ao ambiente de trabalho, é usado como ferramenta de trabalho. No entanto, como ferramenta de conversação entre interlocutores que partilham de certa grau de intimidade (p.ex. amigos e familiares), nota-se que a linguagem tende a ser mais informal, utilizando-se abreviações, *smiles*, reticências etc.

A partir do que foi exposto, para que o gênero emergente *e-mail* seja rotulado como tal é necessário que contenha: (a) endereço de um ou mais destinatários; (b) assunto; (c) modo de enunciação em consonância com o Eu co-enunciador³; e (d) local e data.

³Nesse sentido, o EU considera as expectativas, os anseios, os conhecimentos de mundo do outro e tece a imagem que tem do destinatário para elaborar seu discurso.

3.2. Weblog (BLOG)

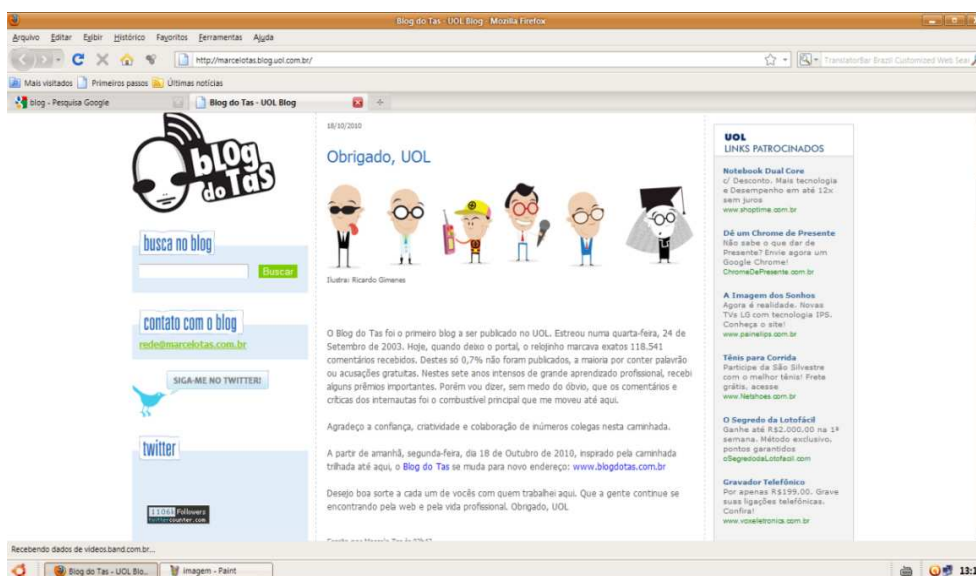
O *blog*⁴ é a forma reduzida do termo *weblog* ou diário virtual e surgiu a partir da sentença “*we blog*” (nós blogamos) que foi adicionada na barra lateral do blog de seu idealizador, Peter Merholz. Esse gênero digital apresenta uma estrutura que pode ser atualizada rapidamente, por meio da publicação de posts ou artigos.

Marcuschi (2004) ressalta que, inicialmente, os *blogs* tinham a função de registrar as leituras que se realizavam pela internet, tornando-se uma espécie de diário de bordo. O autor ainda considera que:

os blogs tem uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam. Hoje são praticados em grande escala e estão fadados a se tornarem cada vez mais populares pelo enorme apelo pessoal. (MARCUSCHI, 2004, p.61)

Ao contrário do *site*, o *blog* é muito utilizado por usuários que criam seus diários virtuais a fim de compartilhar um pouco de sua vida, ideias, pensamentos e opiniões com o público em geral e com seus seguidores, como podemos observar em (2):

2.



⁴Weblog - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Retirado do site < <http://pt.wikipedia.org/wiki/blog>>. Acesso em 06/01/11.

Geralmente, uma característica marcante nos *blogs* é apresentar *links*, textos, imagens e outros signos linguísticos.

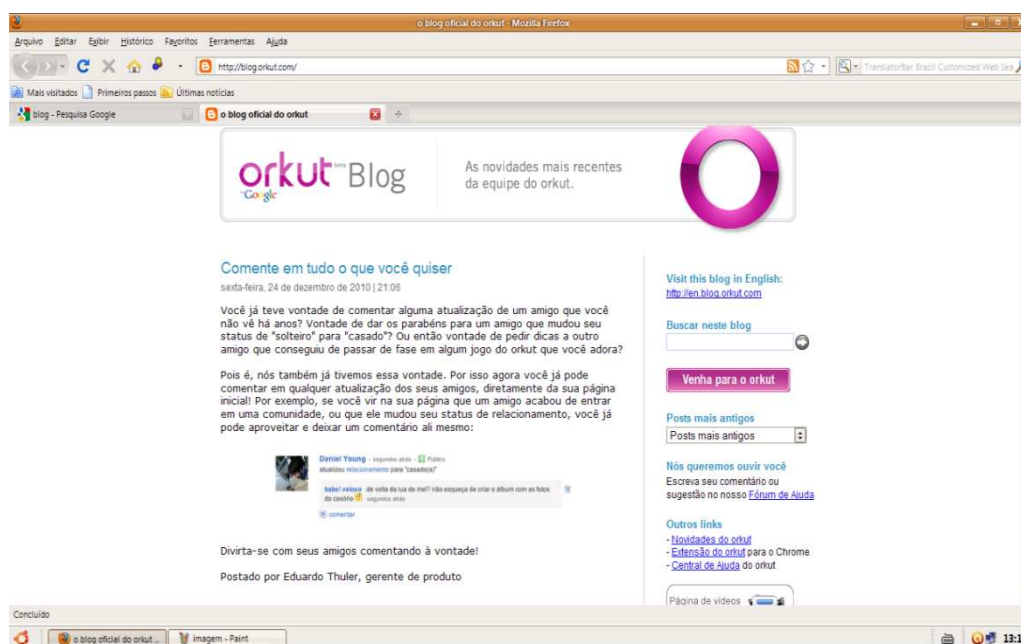
A relação estabelecida entre o blogueiro e seu leitor é construída pela linguagem escrita dos *posts* e de respostas trocadas em comentários entre ambos. Nesse sentido, a linguagem escrita exerce um papel fundamental, dado que será ela o meio de persuasão pelo qual o seu leitor será conquistado, intermeando uma rede de relações sociais.

Segundo Maingueneau (2004), conforme mencionado anteriormente, o gênero de discurso sempre se encontra atrelado a uma cena enunciativa, que pressupõe três diferentes instâncias: a cena englobante (tipo de discurso); a cena genérica (associada a determinado gênero); e a cenografia (um quadro em constante processo). Partindo dessa concepção, observa-se que os *blogs* compõem uma cena enunciativa específica, constituída por uma cena englobante, compreendida como o discurso intimista, dado que os *blogs*, enquanto diários virtuais, agregando blogueiros que escrevem sobre si mesmos, sua vida cotidiana e ações rotineiras. A segunda instância de que trata Maingueneau (2004), a cena genérica, é marcada nos *blogs* por um discurso diarístico, já que se pressupõe que o enunciador fale sobre si, seus relatos pessoais e cotidianos, anseios e desejos, sendo registrada diariamente num espaço aberto e coletivo, a internet. A última instância, a cenografia, estabelece um momento de enunciação e um lugar enunciativo. Desse modo, nos *blogs*, o momento enunciativo desenrola-se desde a mensagem inicial ou primeira postagem até o momento em que o blogueiro não realiza mais postagens, deixando de postar mensagens, visto que a maioria de tais relatos rotineiros compreende a vida adolescente. No entanto, o lugar da enunciação é o próprio hipertexto⁵, já que determina um modo de enunciação interativo e inerente ao meio virtual em que o *blog* está presente, possibilitando ao blogueiro inserir imagens e fotos, animações, músicas etc.

O blogueiro tem a possibilidade de publicar textos, comentários, acontecimentos, *links* para outros *sites* e *blogs*, em ordem cronológica, permitindo que seus visitantes comentem o que foi postado, como se observa em (3), no *Orkutblog*:

⁵ De acordo com Marcuschi (2004), o termo hipertexto corresponde a todo tipo de escrita não-linear e não-sequencial, que fornece ao leitor a possibilidade de efetuar escolhas de caminhos a serem seguidos na leitura do texto.

3.



É importante mencionar que todo *blog* possui uma entrada para receber comentários de seus visitantes. Com isso, o *blog* torna-se um espaço interativo, aberto à participação. Assim, qualquer visitante pode deixar breves anotações para o autor do *blog*, possibilitando o exercício da argumentação. Nesse caso, especificamente o visitante/leitor passa a atuar no processo de interação como um co-autor ou leitor participativo.

De acordo com Marcuschi (2004), os *blogs* são “diários pessoais na rede, uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendadas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos” (p.29). Os *blogs* são considerados a transmutação moderna dos diários tradicionais e apresentam muitas semelhanças destes. Nesse sentido, podemos destacar que ambos apresentam relatos do cotidiano, utilizam uma linguagem informal, fazem uso da subjetividade, apresentam uma série de figuras e desenhos com a função de representar emoções e sentimentos. Por outro lado, os *blogs* distanciam-se dos diários por exporem seu conteúdo de forma pública. Nesse caso, por estar veiculado a internet, o acesso de várias pessoas ao *blog* não tem o caráter de modificar os textos já expostos, mas sim o de postarem sobre o que foi escrito. Contudo, os *blogs* podem ser considerados como um gênero emergente, visto que transmitem as ideias de seus autores, os blogueiros, para públicos diversos e de modo diversificado, servindo-se para tal de uma infinidade de outros gêneros.

Entende-se que o diário tradicional é escrito e lido somente pelo autor e, portanto, ninguém tem acesso a seu conteúdo. No entanto, o *blog* é aberto a toda e qualquer pessoa que compartilhe dos mesmos interesses, a fim de manifestar opiniões e trocar experiências de vida, possibilitando o leitor comentar as postagens do autor.

Observa-se também que a subjetividade do autor manifesta-se tanto no *blog* quanto no diário, visto que o indivíduo que cria, atualiza e mantém o *blog* é seu único dono no ambiente virtual e, tem total liberdade de expressão sobre os *posts* que vincula em seu *blog*.

Os *blogs*, assim como os *e-mails*, apresentam um caráter assíncrono, pois as informações textuais postadas não obtêm respostas imediatas, e se manifestam por meio de comentários a respeito da intenção comunicativo do blogueiro/autor. No entanto, a interatividade entre enunciador e destinatários ocorre no momento em que os leitores passam a interagir com o blogueiro, enviando seus comentários e críticas sobre o tema postado. O texto representa uma fonte dinâmica, visto que sofre constantes atualizações em curto espaço de tempo e possibilita que seus leitores participem de sua construção, sugerindo ou postando temas, assuntos a serem abordados pelo *blog*.

Segundo Marcuschi (2004), o gênero *blog* apresenta as seguintes propriedades: (a) uma relação temporal assíncrona; (b) uma duração indefinida; (c) uma extensão de texto indefinida; (d) formato de texto corrido; (e) múltiplos participantes; (f) na relação entre os participantes, o autor do *blog* é um sujeito conhecido enquanto que seus leitores / destinatários não o são obrigatoriamente; (g) exprimem uma função interpessoal e lúdica; (h) a temática é livre; (i) o estilo é informal; (j) o canal é constituído de texto e imagens; (k) a recuperação da mensagem é feita por arquivamento/ gravação.

Tomando por base os estudos de Maingueneau (2004) e Marcuschi (2002, 2004), concluiu-se que o *blog* é um gênero emergente pelo fato de se apresentar em um espaço virtual de hipertexto, materializando-se por meio da linguagem verbal e não-verbal com uma grande gama de recursos que contribuem para a sua constituição. Dito de outro modo, o *blog* é um gênero de discurso no qual circulam vários outros gêneros, caracterizando-se sobretudo por apresentar uma composição que se manifesta também em outros gêneros textuais tradicionais.

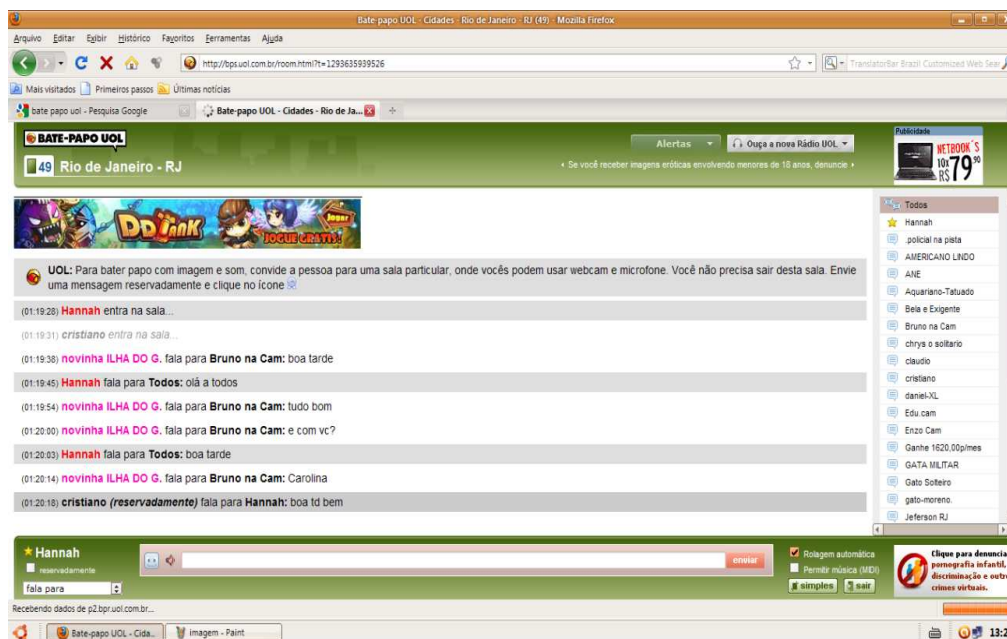
3.3. Chats (SALAS DE BATE-PAPO)

O *chat* ou sala de bate-papo é um gênero textual utilizado na comunicação diária entre duas ou mais pessoas em tempo real, ou seja, o remetente e o(s) destinatário(s) devem estar conectados ao mesmo tempo na internet. Desse modo, a interação entre seus participantes é sincrônica, ou seja, a conexão se estabelece simultaneamente entre os usuários presentes no *chat*. Assim, veremos que o *chat* é um gênero textual que apresenta um diálogo cotidiano com uma linguagem essencialmente oral e marcado por troca de informações imediatistas. Os principais tipos de *chats* são: *chats* abertos, privados, aulas-*chat* e entrevista com convidado.

Marcuschi (2004) afirma que os gêneros textuais estão historicamente vinculados à vida cultural e social dos indivíduos. Assim, os gêneros contribuem para organizar atividades de comunicação diária. Eles apresentam características altamente maleáveis, dinâmicas e plásticas. O autor caracteriza os *chats* como “produções escritas no formato de diálogo numa sequência imediata e retornos rápidos com o sistema de seleções de parceiros, podendo ocorrer muitas confusões de multiplicidade de indivíduos na sala” (p.21).

Ao participarem de salas de bate-papo, os usuários assumem uma identidade no mundo virtual que é criada para se entrar numa conversação, ou seja, o usuário cria um apelido ou *nickname* para iniciar um diálogo com várias pessoas ao mesmo tempo, como se vê em (4):

4.



Segundo Marcuschi (2004), “os bate-papos virtuais em aberto (*chats*) são conversas multiparticipativas. Hoje em dia há possibilidades de escolha de salas de acordo com o interesse específico” (p.19). Assim, em (4), vemos que o *chat* de interesse acessado é intitulado como Rio de Janeiro – RJ.

Nessa forma de diálogo, observa-se que os turnos não se apresentam necessariamente em uma sequência encadeada, podendo haver aspectos tecnológicos que impedem isso, como, por exemplo, a demora na transmissão de dados, e permitindo que o mesmo participante envie várias contribuições entre os diálogos antes de receber uma resposta do parceiro com quem dialogava. Assim, o tópico da conversação será retomado tão logo a mensagem enviada seja lida pelos participantes do discurso e um deles retome o que estava ou será escrito, cumprindo a passagem de turno para o outro. Desse modo, Marcuschi (2004) ressalta que “quando alguém faz reiteradas contribuições sem esperar o retorno do parceiro, surgem cobranças e o diálogo pode chegar a ruptura” (p21).

É relevante destacarmos que a conversação é realizada simultaneamente, promovendo interação e dinamicidade na comunicação entre duas ou mais pessoas, diferentemente do que ocorre no *e-mail*, por exemplo. Nesse meio eletrônico, a interação estabelecida entre os usuários varia em função do tempo gasto para se digitar uma mensagem e da velocidade da taxa de conexão utilizada, se discada, banda larga ou 3G. No entanto, a conversação será interrompida se ocorrer alguma falha no sistema de conexão a internet de um dos usuários que estão, naquele momento, no *chat*.

Nota-se que os *chats* distinguem-se dos *e-mails* por serem sincrônicos e caracterizarem-se pela fugacidade do texto, que sofre atualizações constantes em função do que cada pessoa escreve. Nesse gênero digital, os interlocutores não estão presentes face a face e torna-se necessário a utilização de algumas estratégias que expressem um diálogo entre duas ou mais pessoas. Desse modo, a estratégia adotada é representada por traços próprios da oralidade. Assim, os recursos utilizados são o uso de uma linguagem fonética, marcada pelos sons dos fonemas na língua, o uso de imagens, fotos, o emprego de frases curtas e abreviações etc.

Para Marcuschi (2004), os gêneros virtuais orais, como, por exemplo, o chat, são por ele definidos da seguinte maneira:

Gêneros virtuais são interativos, geralmente síncronos (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala – escrita. Além da possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença da imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos. Quanto a isso, há outro aspecto nas formas de semiotização desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emotions* (ícones indicadores de emoção) ao lado de uma espécie de etiqueta netiana (etiqueta da internet) trazendo descontração e informalidade à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação. (MARCUSCHI, 2004, p.12)

No *chat* de tipo entrevista com convidado, a conversação sofre a intervenção de um mediador, que é responsável por filtrar o que é enviado pelos participantes do *chat*. Nesse caso, o mediador tem como finalidade selecionar as perguntas adequadas ao direcionamento do assunto abordado, evitando perguntas inconvenientes e possíveis constrangimentos ao entrevistado. Como menciona Marcuschi (2004), o entrevistado, numa conversa com muitas pessoas só poderá responder a algumas perguntas, além de poderem existir perguntas inconvenientes ou que possam causar constrangimentos.

Cabe ressaltar ainda que, neste tipo de *chat*, a entrevista é anunciada previamente na internet com data e hora marcada e é comum o arquivamento dos diálogos da entrevista para que possam ser lidos por outros usuários que busquem na rede o convidado em questão ou mesmo alguma informação contida na entrevista dada.

Como afirma Marcuschi (2002, p.13) o que garante o sucesso do *chat* é “o fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados”.

Marcuschi (2004) apud Crystal (2001, p.170) aponta que os chats são fascinantes por duas razões: (a) porque “providenciam um domínio no qual podemos observar a linguagem em seu estado mais primitivo”; e (b) porque “os grupos de bate-papos fornecem evidências da notável versatilidade linguística entre as pessoas comuns – especialmente o pessoal jovem”.

Em termos linguísticos, nota-se que os usuários do *chat* utilizam uma linguagem escrita não monitorada, sem revisões ou mesmo correções, podendo ser caracterizada como uma linguagem em seu estado bruto de produção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar e descrever alguns gêneros emergentes, sendo foco de nossa análise os gêneros *e-mail*, *weblog* e *chat*, a fim de apontarmos suas características e suas estratégias de interação.

Pode-se afirmar que os três gêneros digitais supracitados têm, por um lado, características que são semelhantes entre si, como o fato de apresentarem o mesmo suporte e, por outro lado, possuem também peculiaridades, em razão, por exemplo, de serem síncronos (*chat*) ou assíncronos (*e-mail*, *weblog*). Além disso, estão vinculados a novos espaços e novos suportes que diferem de seus gêneros correlatos já consagrados historicamente na vida cotidiana dos indivíduos. Nesse sentido, a contribuição de Bakhtin, de reavaliar a concepção de gênero, denominado por ele de gênero de discurso, centrou o foco de análise linguística na Pragmática e na posterior noção de práticas discursivas.

Entende-se que o uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação leva a práticas sociais de interação digital antes não existente, possibilitando novas formas de interação entre os participantes da sociedade. Estes novos gêneros exercem influência na produção de textos e na escrita cotidiana das pessoas, carregando em si múltiplas semioses e uma hibridização entre a modalidade oral e escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, Col. Universidade de Bolso. (s/d).

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2010.

CAMPELL, T. *The first email message*. PreText Magazine. 1998. <http://www.pretext.com/mar98/features/story2.htm> Acesso em 07 de janeiro de 2011.

CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press. 2001.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Trad. Freda Indursky. São Paulo: Pontes. 1987.

_____. *Análise de Textos de Comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Diversidade dos gêneros*. In: MACHADO, Ida Lúcia & Mello, Renato de (orgs). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A. P et al..(org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. *Gêneros textuais emergentes na tecnologia digital*. In: MARCUSCHI & XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio Janeiro: Lucerna, 2004.

Recebido em: 25/02/2012

Aceito em: 14/04/2012